

Público

18-02-2016

Periodicidade: Diário

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 51453

Temática: Recursos Humanos

Dimensão: 685

Imagem: S/Cor

Página (s): 46/47

Soluções eficazes procuram-se

Debate Mercado de trabalho Eugénio Viassa Monteiro

Há tempos, alguém com responsabilidades imaginou e teimou na solução de um túnel no Marquês [em Lisboa], para obviar ao emaranhado do tráfego local com graves sequelas. Choveram críticas e boicotes que atrasaram e encareceram a construção. Mas o túnel é um enorme sucesso.

Há países com *think tanks*, criados por fundações ou ONG, que se debruçam sobre temas de interesse nacional, para os aprofundar e criar correntes de opinião. Isso não impede que junto de cada área de governação, além do estudo dos assuntos do dia-a-dia, haja grupos *ad hoc*, de “curiosos” e imaginativos, a orientar o encontrar de soluções expeditas para os problemas emergentes.

Tem havido soluções transitórias (que, muitas vezes se fazem permanentes, como os viadutos metálicos da Avenida Santos e Castro [em Lisboa]) para aliviar problemas, dando tempo para a solução definitiva. Na Ponte 25 de Abril, com as vias de rodagem, um responsável propôs criar/operacionalizar a 5.ª via, que se usaria alternadamente no sentido do maior fluxo. Uma magnífica “solução-alívio”, até aparecer a outra ponte!

Por vezes há capacidade instalada, ociosa; como aproveitá-la? Na Net corre uma anedota (imagino-a real) de um empresário de Nova Iorque que vai a Bombaim, em negócios. A caminho do aeroporto, entra num banco e pede um empréstimo de 5000 dólares. Dizem-lhe que sim, mas terá de dar uma garantia. Ele entrega a chave do seu carro Jaguar, mais valioso que os 5000 dólares. Papelada... e aí estão os 5000 dólares. Quinze dias depois, regressa, e vai directo ao banco: devolve os 5000 dólares e paga os juros e comissões, calculadas em 15,41 dólares.

À saída interpelam-no, “à confiança”: “Tivemos curiosidade de saber quem era e verificámos tratar-se de um empresário bem-sucedido e rico”. Ficámos ‘baralhados’ por precisar de um empréstimo de 5000 dólares para os negócios”. Responde-lhes: “Indiquem-me um sítio em Nova Iorque onde possa ter o carro em segurança, por 15 dias, pagando 15,41 dólares!!!”.

Esta “anedota” faz pensar em muita capacidade ociosa, nas sociedades “ricas”: autocarros vazios, escolas sem alunos, casas não habitadas, comboios com poucos passageiros, metro a meio, etc. Como aproveitá-la, poderia ser um exercício de imaginação muito produtivo. Como fazer que circulem menos carros na cidade, para que os transportes colectivos

izes,

vão mais cheios e mais depressa? As escolas sem alunos poderiam ocupar-se com cursos técnico-profissionais ou serem centros culturais locais, museus, etc. As casas desocupadas poderiam ser vendidas ou arrendadas a bom preço.

Um flagelo grave da actualidade é o desemprego: de pessoas com experiência (engenheiros, arquitectos, professores, advogados...), de recém-formados sem experiência e de jovens que abandonaram os estudos. Ao mesmo tempo, há procura de informáticos.. Procuram-se pessoas com alguma experiência de empresa, e nada!

Não será possível “desenhar” uma pós-graduação em Tecnologias de Informação, para os licenciados com experiência, com a parte escolar exigente, mas condensada, com avaliações e boa qualidade de ensino,



Perante o desemprego há que tocar todas as teclas donde possa saltar um emprego



que em seis meses possam preparar-se para trabalhar com mestria na informática? Parece fácil, e a Índia faz muito disto!

Conhecimentos e experiência anteriores são úteis para adaptar as TI a esses domínios e criar aplicações de interesse.

É socialmente relevante que as empresas recebam estagiários, digamos por seis meses, com trabalhos bem planeados, para treinar os jovens para a

vida profissional, tornando-os mais empregáveis e, quem sabe, capazes de começar alguma *start-up* na actividade em que se sentem confortáveis.

Perante o desemprego, há que tocar todas as teclas donde possa saltar um emprego. Um *think tank* ou uma comissão *ad hoc* para estudar junto de cada PALOP, com falta de pessoas qualificadas, os eventuais protocolos de colocação; tentando também apoios de organismos europeus.

É preciso aguçar a imaginação para desenvolver ideias de comum interesse: o ensino generalizado, nos PALOP que querem avançar depressa, pode ficar comprometido na qualidade, sem bons professores; e haverá muito bons professores e suas famílias disponíveis aqui, para se fixarem por alguns anos num dos países pelos quais nutrem uma simpatia particular. Devia ser um “jogo” bem pensado em que todos ganhassem.